



SOCIOLINGUÍSTICA E LIVRO DIDÁTICO: A IMPORTÂNCIA CONSTITUÍDA AS CAPAS E O ESQUECIMENTO DO ENSINO A VARIAÇÃO DA LÍNGUA (GEM)

Rodrigues de Souza Bortolozzo (PPGL-UNEMAT)¹
rodriguesbortolozzo@hotmail.com

Jocineide Macedo Karim (UNEMAT)²
jocineidekarim@yahoo.com.br

RESUMO: Este artigo fundamenta-se nos constructos teóricos da Sociolinguística, especialmente na Sociolinguística Educacional e traz à luz uma investigação acerca de um livro didático de Língua Portuguesa: língua e cultura – Volume único destinado ao Ensino Médio, com edição de 2003, escrito por Carlos Alberto Faraco. Esta pesquisa é resultado das discussões em sala de aula na Disciplina *Tópicos em Sociolinguística*, vivenciadas no 1º Semestre do Doutorado em Linguística pela Universidade do Estado de Mato Grosso, que trata das relações entre os sujeitos, a Universidade e a escola. O objetivo é demonstrar no material didático a importância dada ao ensino da variação na língua, não constituindo assim, apenas a importância dada as capas como são direcionados/escolhidos os livros didáticos de hoje. Tendo em vista que somos professores e nossa condição é ensinar, pretendemos discutir a influência do ensino da língua, variação e heterogeneidade, compreendendo-a como resultado de uma diversidade de fatores socioculturais de uma comunidade linguística e constituindo ao aluno o saber das diferenciações que transitam à língua.

PALAVRAS-CHAVE: Sociolinguística; Variação linguística; Ensino; Livro didático.

ABSTRACT: This article is based on the theoretical constructs of Sociolinguistics, especially in Educational Sociolinguistics and brings to light an investigation about a textbook of Portuguese Language: language and culture - Single volume destined to High School, with edition of 2003, written by Carlos Alberto Faraco. This research is the result of the classroom discussions in the Topics in Sociolinguistics Course, which were held in the 1st Semester of the PhD in Linguistics by the State University of Mato Grosso, which deals with the relations between the subjects, the University and the school. The objective is to demonstrate in the didactic material the importance given to the teaching of variation in the language, not constituting thus only the importance given to the covers as the textbooks are directed/chosen today. Since we are teachers and our condition is to teach, we intend to discuss the influence of language teaching, variation and heterogeneity, understanding it as a result of a diversity of sociocultural factors of a linguistic community and constituting to the student the knowledge of the differentiations that transit the language.

KEYWORDS: Sociolinguistics; Linguistic variation; Teaching; Textbook.

¹Doutorando do Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Linguística da Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT – Campus de Cáceres – 2019). E-mail: rodriguesbortolozzo@hotmail.com

²Professora do Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Linguística da Universidade do Estado de Mato Grosso - UNEMAT/Cáceres - Coordenadora do projeto de pesquisa: A variação linguística em comunidades quilombolas da região Centro Oeste do Brasil. E-mail: jocineidekarim@yahoo.com.br



1. Introdução

A Sociolinguística, subárea da Linguística, despontou na década de 60 com a intenção de desenvolver uma nova concepção dos estudos linguísticos e tinha como pretensão investigar a “dimensão sócio-histórica” (FRANÇA & BARROS, 2012, p. 03) de fenômenos linguísticos, isto é, de casos referentes à variação da língua, alternâncias linguísticas na interação entre língua e comunidade/sociedade.

Segundo Alkmim (2001, p. 31), o objeto de estudo da Sociolinguística é “a língua falada, observada, descrita e analisada em seu contexto social, isto é, em situações reais de uso”, sendo o seu ponto de partida a comunidade linguística, esse campo de estudo tem por objetivos definir o objeto de estudo da Sociolinguística, as variações linguísticas, essas apresentadas como as inúmeras maneiras de falar presentes em uma sociedade. Vários estudos linguísticos, em especial a Teoria Sociolinguística, há muito têm mostrado, que a fala é a utilização da língua pelo falante.

Considerando que dentro de uma mesma comunidade, as pessoas são diferentes entre si, as diferenças individuais e sociais revelam variedades, temperamentos, preferências, idade, sexo, profissão, posição econômica e cultural, grau de escolaridade, local em que reside etc. No ato da fala essas diferenças são evidenciadas. Além disso, há no ato da fala outras influências que são determinadas pela situação em que ela ocorre: o lugar, o momento e o grau de intimidade entre as pessoas, todos esses fatores acabam refletindo na fala das pessoas, e criando os diferentes estilos e/ou níveis de fala. Nessa perspectiva acima, dos diferentes níveis de fala, Faraco (2008) justifica:

Partindo do pressuposto de que a sociedade está dividida em diferentes comunidades e elas são singulares, porque cada uma tem a sua própria história, sua própria cultura e essas peculiaridades estão na língua de cada comunidade, temos então diversas formas de falar, ou seja, a língua está sujeita a variações. Pois empiricamente a língua é o próprio conjunto das variedades. Trata-se, portanto, de uma realidade intrinsecamente heterogênea. (FARACO, 2008, p. 33).



Nessa perspectiva, propomo-nos demonstrar a importância dada ao ensino de variação linguística presente na Língua Portuguesa por meio do livro didático de Português, nesse caso, demonstrando como exemplo um livro distribuído nas escolas públicas no ano de 2003. Assim, demonstra a variação e sua importância, mesmo se tratando de um livro mais “antigo”, mas que certifica a essência do aluno diferenciar as várias possibilidades de comunicação presente na língua/linguagem dependendo da sua necessidade comunicativa. Dessa forma observamos o livro didático como a principal ferramenta do ensino-aprendizagem institucionalizado nas escolas.

Nessa acepção, nos propomos analisar o livro didático de Língua Portuguesa-LP, procurando conceituar a importância da aprendizagem das diversidades linguísticas aos alunos e também descrever a importância que são atribuídas as capas em nossa modernidade nas escolhas dos livros, principalmente quando se refere ao livro didático, o que leva ao esquecimento de seu conteúdo, concebido aqui como mais importante.

2. O livro didático e a Base Nacional Comum Curricular-BNCC³: breve reflexão

Quem nunca ouviu dizer a frase, “nunca julgue um livro pela capa”. Certamente é o que deveríamos fazer, julgar o material não pelas capas ou estrutura externa, mas sim pelo seu conteúdo. Por que apenas a visualização de uma mera capa pode esconder a beleza das palavras, conhecimento e criatividade que há dentro de um livro, e vice-versa, pois podemos fazer escolhas através de sua formosura externa e seu conteúdo nos desagradar, ao que nos foi apresentado superficialmente.

Para iniciarmos essa discussão, é necessário compreender, acerca do livro didático como é um elemento de relevância para o ensino-aprendizagem no meio escolar de todo Brasil. Aparentemente, parece ser uma temática simples, mas não é, ao passo em que

³ BNCC: Base Nacional Comum Curricular é um documento de caráter normativo que define o conjunto orgânico e progressivo de aprendizagens essenciais que todos os alunos devem desenvolver ao longo das etapas e modalidades da Educação Básica.



mencionamos no livro didático, é natural e espontâneo vincular a todo e qualquer material impresso que circulam nas escolas. Talvez seja pela popularidade e simplicidade na existência do contexto escolar, que não atraem a importância necessária no que se refere a sua produção e distribuição.

No Brasil, o livro didático é a principal ferramenta de ensino/aprendizagem adotado pelas escolas públicas e privadas de todo o País, mesmo com o crescimento e expansão das redes de internet, “o livro didático passou a ser o principal e, em muitos casos, o único instrumento de apoio ao trabalho docente” (DANTE, 1996, p. 52). Nessa perspectiva, Dante (1996) apresenta várias razões para justificar a importância do livro didático no ensino-aprendizagem:

[...] - em geral, só a aula do professor não consegue fornecer todos os elementos necessários para a aprendizagem do aluno, uma parte deles como problemas, atividades e exercícios pode ser coberta recorrendo-se ao livro didático; - muitas escolas são limitadas em recursos como bibliotecas, materiais pedagógicos, equipamento de duplicação, vídeos, computadores, de modo que o livro didático constitui o básico, senão o único recurso didático do professor. (DANTE, 1996, p. 52).

Como o livro didático têm um papel fundamental no processo ensino aprendizagem, é de suma importância à qualidade, desde a sua fabricação até a sua escolha pelos professores nas escolas, mesmo sabendo, que este último não tem total arbítrio de escolha, pois sabemos que na maioria das vezes esses materiais didáticos já estão pré-selecionados. Nesse caso, convém citar Soares (2002) ao lembrar que até recentemente, o conteúdo do livro didático de Língua Portuguesa eram apenas os textos de autores clássicos. Eram atribuídos, assim, valor aos escritores e se esquecia do vínculo que deveria haver com as necessidades vivenciadas pelos alunos. Hoje, essa realidade vem mudando, mesmo que lentamente, mas observamos que os livros já contêm uma diversidade de textos que abrangem os diferentes falares e as diferentes características regionais do nosso País.



Por isso, devemos levar em conta a seriedade dos critérios para a escolha dos conteúdos, principalmente para possibilitar aos professores a participação na escolha e avaliação dos livros didáticos. A participação dos professores é de suma importância, pois eles devem saber das qualidades e limitações dos livros didáticos, para que possam repensar as práticas pedagógicas conscientes de que o livro ainda apresenta conteúdos linguísticos e textos que apontam para realidades específicas e culturais de cada aluno, subsidiando-o para uma melhor aprendizagem da língua em qualquer situação de uso. É a partir desse quesito que observamos que a falha não é apenas do professor em sala de aula, é mais do que isso, incide na sua fabricação, na aprovação pelos responsáveis, ou seja, uma política de escolhas que prejudicam o meio educacional.

Dentre tantos documentos existentes que foram criados para auxiliar os professores e escolas na busca de novas abordagens e metodologias de ensino, exemplificamos algumas considerações a respeito de como a BNCC complementa a deficiência ao ensino, principalmente do que tange a variabilidade na língua.

A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) é um documento de cunho normativo que estabelece o conjunto orgânico e progressivo de aprendizagens fundamentais que todos os alunos necessitam ampliar ao longo das etapas e modalidades da Educação Básica, de modo a que tenham assegurados seus direitos de aprendizagem e desenvolvimento, em conformidade com o que preceitua o Plano Nacional de Educação (PNE). No Ensino Médio, esse documento se edifica em continuidade ao proposto para a Educação Infantil e o Ensino Fundamental, centralizada na progressão de competências e orientada pelo princípio da educação integral.

Referente a Línguas e suas tecnologias, a BNCC busca estabelecer e aumentar as aprendizagens de Ensino Fundamental nos componentes Língua Portuguesa, Artes, Educação Física e Língua Inglesa. Para tanto, define competências específicas e habilidades a ser exercitadas e constituídas no Ensino Médio, que integram conhecimentos desses diferentes componentes curriculares.

Observamos as competências básicas de Línguas e suas tecnologias:



1. Compreender o funcionamento das diferentes linguagens e práticas (artísticas, corporais e verbais) e mobilizar esses conhecimentos na recepção e produção de discursos nos diferentes campos de atuação social e nas diversas mídias, para ampliar as formas de participação social, o entendimento e as possibilidades de explicação e interpretação crítica da realidade e para continuar aprendendo;
2. Compreender os processos identitários, conflitos e relações de poder que permeiam as práticas sociais de linguagem, respeitar as diversidades, a pluralidade de ideias e posições e atuar socialmente com base em princípios e valores assentados na democracia, na igualdade e nos Direitos Humanos, exercitando a empatia, o diálogo, a resolução de conflitos e a cooperação, e combatendo preconceitos de qualquer natureza;
3. Utilizar diferentes linguagens (artísticas, corporais e verbais) para exercer, com autonomia e colaboração, protagonismo e autoria na vida pessoal e coletiva, de forma crítica, criativa, ética e solidária, defendendo pontos de vista que respeitem o outro e promovam os Direitos Humanos, a consciência socioambiental e o consumo responsável, em âmbito local, regional e global;
- 4. Compreender as línguas como fenômeno (geo) político, histórico, social, variável, heterogêneo e sensível aos contextos de uso, reconhecendo-as e vivenciando-as como formas de expressões identitárias, pessoais e coletivas, bem como respeitando as variedades linguísticas e agindo no enfrentamento de preconceitos de qualquer natureza;**
5. Compreender os múltiplos aspectos que envolvem a produção de sentidos nas práticas sociais da cultura corporal de movimento, reconhecendo-as e vivenciando-as como formas de expressão de valores e identidades, em uma perspectiva democrática e de respeito à diversidade;
6. Apreciar esteticamente as mais diversas produções artísticas e culturais, considerando suas características locais, regionais e globais, e mobilizar seus conhecimentos sobre as linguagens artísticas para dar significado e (re) construir produções autorais individuais e coletivas, de maneira crítica e criativa, com respeito à diversidade de saberes, identidades e culturas;
7. Mobilizar práticas de linguagem no universo digital, considerando as dimensões técnicas, críticas, criativas, éticas e estéticas, para expandir as formas de produzir sentidos, de engajar-se em práticas autorais e coletivas, e de aprender a aprender nos campos da ciência, cultura, trabalho, informação e vida pessoal e coletiva. (BNCC, 2018, p. 481/482).

Evidenciamos a importância das competências descritas acima para o ensino-aprendizagem, mas nesse momento damos ênfase principalmente a *competência 4*, pois



ela indica a necessidade de, ao final do Ensino Médio, os estudantes compreenderem a língua e seu funcionamento não de maneira normativa, como um conjunto de regras e normas imutáveis, mas como fenômeno marcado pela heterogeneidade e variedade de registros, dialetos, idioletos, estilizações e usos muito variados de outras línguas em âmbito global, respeitando o fenômeno da variação linguística, sem preconceitos. Ela também diz respeito à utilização das línguas materna e estrangeira de maneira pertinente à situação de produção dos discursos, adequando seus textos à variedade e ao registro em uso na situação, levando em conta campos de atuação social, contextos e interlocutores específicos, por meio de processos de estilização e de seleção e organização dos recursos linguísticos. Observamos na figura abaixo as habilidades descritas na competência 4.

Figura 1 – Habilidade da competência específica 4.⁴

HABILIDADES
(EM13LGG401) Analisar textos de modo a caracterizar as línguas como fenômeno (geo)político, histórico, social, variável, heterogêneo e sensível aos contextos de uso.
(EM13LGG402) Empregar, nas interações sociais, a variedade e o estilo de língua adequados à situação comunicativa, ao(s) interlocutor(es) e ao gênero do discurso, respeitando os usos das línguas por esse(s) interlocutor(es) e combatendo situações de preconceito linguístico.
(EM13LGG403) Fazer uso do inglês como língua do mundo global, levando em conta a multiplicidade e variedade de usos, usuários e funções dessa língua no mundo contemporâneo.

Fonte: Base Nacional Comum Curricular – Ensino Médio, 2018.

⁴ Ilustraremos o significado do código que estão entre parênteses no quadro da competência 4. São 10 caracteres, que significam: O primeiro par de letras indica a etapa de Ensino Médio; o primeiro par de números (13) indica que as habilidades descritas podem ser desenvolvidas em qualquer série do Ensino Médio, conforme definição dos currículos; a segunda sequência de letras indica a área (três letras) ou o componente curricular (duas letras): LGG = Linguagens e suas Tecnologias, LP = Língua Portuguesa, MAT = Matemática e suas Tecnologias, CNT = Ciências da Natureza e suas Tecnologias e CHS = Ciências Humanas e Sociais Aplicadas; os números finais indicam a competência específica à qual se relaciona a habilidade (1º número) e a sua numeração no conjunto de habilidades relativas a cada competência (dois últimos números). Vale destacar que o uso de numeração sequencial para identificar as habilidades não representa uma ordem ou hierarquia esperada das aprendizagens. Cabe aos sistemas e escolas definir a progressão das aprendizagens, em função de seus contextos locais.



Nesse sentido, espera-se que a escola, professores e livros propiciem aos alunos situações de vivências e de conhecimentos que lhe assegurem um domínio linguístico capaz de garantir à produção de textos adequados às situações, isto é, textos com diferentes características de comunicação e de questões com diversidades linguísticas, fazendo o aluno pensar, questionar e compreender, de modo que ela possa ocupar posições na sociedade, buscando de fato contribuir para que tornem cada vez mais conscientes e livres, capaz de refletir sobre o mundo que o cerca e intervir positivamente em sua modificação.

3. Erro ou acerto? A importância atribuída às capas

No primeiro momento, sabemos que o Governo brasileiro gasta/investe milhões de reais todos os anos na produção e distribuição de livros didáticos, isto posto, ocasiona a concorrência entre as editoras. E mais uma vez, lembramos que são as escolas que estão no meio nesse rentável mercado, desse modo, insere-se a preocupação com a qualificação do material didático.

Através dessa observação, constatamos que o livro didático não é a única ferramenta de ensino-aprendizagem em sala de aula, mas que, é assimilado por uma grande maioria de autores e estudiosos da linguagem como o melhor instrumento didático presentes nas escolas, dado que, é um grande propagador de conhecimentos e informações apto a padronizar diferenças classes e culturas.

No momento em que iniciou a elaboração do livro didático, a capa tinha simplesmente a finalidade de proteger as folhas, o “miolo” do livro, e não de mencionar seu conteúdo para viabilizar as vendas, o que de fato acontece hoje com o livro moderno. Dessa forma, podemos afirmar que a capa é um discurso do convencimento, e que foi a partir das ideias impostas pelo escritor Monteiro Lobato que a capa criou tamanha importância na década de 1920, assim, a capa formou um artigo de cativação ao leitor. Afirmamos essa ideia, segundo as palavras de Sehn (2012, p. 03), sendo que as “editoras



passaram a se preocupar mais com o Layout de seus livros, percebendo-se em algumas delas, uma interação maior da capa com o miolo, produzindo soluções atrativas e baratas”.

A vista disso, os livros didáticos de Língua Portuguesa, e outros em um contexto geral, estão presentes há muito tempo no dia-a-dia de alunos, professores e outras pessoas que recorrem dessa importante ferramenta. Foi nos meados dos anos 60, que o livro, na maioria das vezes, era fabricado dentro de um padrão visual, através das indústrias livreiras, isso de certo modo, paralisou a venda dos materiais, pois, havia naquele momento uma expansão de outros meios visuais que chamavam mais à atenção das pessoas. Deste modo, sua venda foi tornando-se difícil no mercado brasileiro. Apenas nos anos 70 que o interesse cresceu, depois de ter sido, quase que deixado de lado. Segundo Choppin, (2004):

[...] os livros didáticos vêm suscitando um vivo interesse entre os pesquisadores de uns trinta anos para cá. Desde então, a história dos livros e das edições didáticas passou a constituir um domínio de pesquisa em pleno desenvolvimento, em um número cada vez maior de países, e seria pouco realista pretender traçar um estado da arte exaustivo sobre o que foi feito e escrito e, mais ainda, do que se pesquisa e se escreve atualmente pelo mundo. (CHOPPIN, 2004, p. 549).

Enfatizamos aqui o interesse a esses materiais, segundo as palavras de Choppin, pois, os livros, didáticos, exercem funções significativas nas escolas, proporcionando um ambiente favorável à aprendizagem, com a valorização do desenvolvimento intelectual, ocasionando uma preparação para a vida, escolar e por que não pessoal. Ressaltamos a importância das funções exercidas nas escolas, segundo Choppin, (2004):

Função Referencial: chamada de curricular e/ou programática, constituindo suporte aos conteúdos educativos, conhecimentos, técnicas e habilidades as novas gerações;

Instrumental: o livro didático põe em prática métodos de aprendizagens, propondo exercícios que facilitem a memorização dos conhecimentos, favorecendo a aquisição de competências disciplinares;



Função Ideológica e cultural: função mais antiga, sendo um vetor essencial da língua, da cultura e dos valores das classes dirigentes, isto é, instrumento privilegiado de construção e identidade;

Função Documental: acreditando-se que o livro didático pode fornecer, um conjunto de textos, textuais e/ou icônicos cuja confrontação ou observação podem desenvolver o espírito crítico da criança/aluno. (CHOPPIN, 2004, p. 553).

Viabilizamos ainda, que num passado recente, as capas dos livros por serem estilizadas de forma simples, foram perdendo espaço no quesito de vendas, pelas novas tendências que estavam se constituindo naquela dada época. Dessa forma, as editoras, vendo a perda no mercado livreiro, programaram uma reforma nos materiais didáticos, principalmente no que se diz respeito ao design de suas capas. As capas, além da função de proteger o livro e identificá-lo ao leitor, incidem em cada vez mais exercer a função de convencer o público alvo (leitor). Referente às capas, Carvalho (2008) diz:

A capa de livro constitui um formato com características muito particulares no contexto do design gráfico, uma vez que reúne em si um conjunto diversificado de funções. Surge como um mecanismo fundamentalmente prático, com o fim de proteger o miolo do livro, e que rapidamente ao longo da história acumula outros propósitos. A inclusão do título da obra e nome do autor permitiram que adquirisse também um papel informativo, ao passo que a decoração do espaço disponível passou a constituir uma forma de identificação e distinção do livro. Enquanto face visível do livro, a capa assume um papel privilegiado na comunicação com o público e, conseqüentemente, constitui um veículo privilegiado de promoção comercial. Comparativamente a outros formatos que lhe são próximos, como a capa de jornal ou de revista, a capa de livro tem uma maior longevidade e presença, fazendo com que muitas se tornem símbolos marcantes, associadas a um texto e a um período histórico. (CARVALHO, 2008, p. 13).

Dessa maneira, foi considerado, mudar a capa, para atrair novos leitores, depois desses remodelamentos na década de 70 e 80 respectivamente, os livros didáticos assumiram um papel significativo e, muitas vezes único, no sistema educacional brasileiro. O que fez essa ferramenta se tornar importante, no início, foi o desprestígio do



Web - Revista SOCIODIALETO

Núcleo de Pesquisa e Estudos Sociolinguísticos e Dialetológicos - NUPESD
Laboratório Sociolinguístico de Línguas Não-Indo-europeias e Multilinguismo - LALIMU

ISSN: 2178-1486 • Volume 9 • Número 27 • Maio 2019

Ano Internacional das Línguas Indígenas (ONU)

ensino, principalmente o público e a falta de competência profissional dos professores e órgãos escolares.

São vários os autores que atribuem à concepção da capa um papel decisivo no sucesso de um livro na conquista de leitores. Fawcett Tang (2004, *apud* Carneiro, 2012, p. 37) defende que o design é cada vez mais importante em todo o processo editorial uma vez que há uma crescente competitividade entre editoras e que há um aumento dos leitores com conhecimentos básicos ao nível das artes visuais.

Powers (2001, *apud* Carneiro, 2012, p. 37) considera a capa do livro como um “selling device”. A capa não só possui funções próximas da publicidade na sua forma e no seu objetivo. Possui também um papel importante no jogo de sedução com o comércio, revelando uma ambiguidade própria de um produto (o livro) que nunca foi apenas um produto de consumo.

Finalmente, Hochuli e Kinross (1996, *apud* Carneiro, 2012, p. 37) estão de acordo sobre as múltiplas funcionalidades das capas dos livros: fornecem informação e protegem o livro antes de ser vendido.

Exemplificamos que, ao compramos um livro, ou apenas escolhermos para uma breve leitura em uma biblioteca, nossa primeira impressão, o primeiro contato de quem vai aderir a esse material, é a de ler suas capas, independentemente do conteúdo que está dentro, a primeira provocação que nos é feito, como leitor, são os tons decorativos de suas capas. Podemos assim dizer, que são sensações não conscientes, mas que, guiam as ações humanas, isto é, guiam-nos para a possibilidade de escolha. Quando falamos de livro, seja ele de Língua Portuguesa, Literatura, entre tantos outros que existem, a capa é o primeiro contato que o leitor terá com a obra. O que ele vê primeiro incentiva-o ou não a abrir e ler o livro.

A capa tem se mostrado importante, quer dizer, tem o papel de transmitir o entendimento do livro, exibindo parte de seu princípio e fomentando o leitor a descobrir os mistérios contidos por detrás de sua capa. Consequentemente, a capa do livro didático, faz parte da sedução, quer dizer, é a arte de induzir pela arte, é uma beleza estética unida



a todo o trabalho escrito. Podemos dizer que as capas são convites a conhecer e ler o livro, em parecer, deveria se confrontar rigorosamente com o seu conteúdo, que na maioria das vezes não ocorrem, quer dizer, aspectos importantes como relação à temática e as ideias pré-estabelecidas.

O que estamos querendo dizer é que as capas dos livros didáticos são importantes no requisito de estética, mas que, não devem ser levadas em consideração no momento de sua escolha na escola para serem usadas em sala de aula. Enfatizamos aqui novamente, é puramente uma beleza externa, que existem e chamam a atenção do leitor, mas que não pode definir um princípio de escolha para um aprendizado dos alunos. De modo geral, o livro didático nas escolas, muitas vezes, é escolhido apenas pelo tom decorativo de suas capas, meramente, em um processo de visualidade e design.

Ainda assim, nos perguntamos qual o poder de convencer o leitor, através da capa? Certamente não poderíamos responder claramente, mas, evidenciamos que através de tanta concorrência no mercado, com tantas evoluções e opções possíveis na hora da aquisição do livro, as capas constituem sim, um fator determinante de se obter o produto, isto é, se esbanja a beleza do design e complexidade estabelecida na capa, correspondendo a um diferencial na hora de seu consumo, como dito antes, se torna mais difícil um objeto ter destaque a tantas infinitas possibilidades.

A seguir mencionamos, segundo as Orientações para Registro da Escolha do PNLD, para uma melhor seleção e para um ensino com adesão formalizada:

- Conferir todos os títulos aprovados;
- Verificar informações e critérios para subsidiar a escolha;
- Obter modelo de ata para subsidiar a escolha. (FNDE)

Ao final de cada procedimento de avaliação dos livros didáticos é elaborado o Guia do Livro Didático, no qual são expostos os critérios, resenhas das obras aprovadas e as fichas que norteiam a avaliação dos livros. Os livros didáticos que não atendem as medidas de cada disciplina são excluídos. Conseqüentemente, os livros didáticos



aprovados pelo Ministério da Educação necessitam incluir em suas capas o selo do PNLD, tendo em vista, uma maneira de evitar falsificação no mercado editorial.

Quer dizer, no processo de escolha dos livros didáticos, deve ser segura à participação efetiva dos professores e gestão escolar, promovendo discussão aprofundada para que a triagem dos livros didáticos seja criteriosa e embasada nas concepções do PCNs e PPP, efetuando o diálogo entre livro e estudante, isto é, que a língua, o vocabulário e a construção que se fazem necessárias sejam compatíveis com a série em questão e com o nível cultural e social do aluno. Como afirmam o Programa do Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação:

[...] a escolha deve ser democrática e participativa, resultando na seleção de livros compatíveis com a realidade de cada comunidade escolar. A decisão sobre a escolha deve ser documentada na Ata da Escolha de Livros Didáticos e assinada pelos participantes. A ata poderá ser digitalizada e anexada no sistema de escolha. Após o registro da escolha no PDDE Interativo, recomendamos a impressão do Comprovante de Escolha e sua posterior divulgação à comunidade escolar, junto à Ata da reunião de Escolha. A publicação desses documentos garante a transparência de todo o processo. Os documentos da escolha devem ser arquivados para eventuais consultas por qualquer cidadão, pelo FNDE ou pelos órgãos de controle. (FNDE).

Viabilizamos assim, que a editoração dos livros didáticos deve estar de acordo com as determinações necessárias exigidas pelo Governo Federal, quando não, os materiais didáticos são descartados do Programa PNLD. Nessa perspectiva, com tantos processos presentes para a elaboração e triagem de livros, enfim, ele chega às escolas para as devidas escolhas, o mais correto possível para permitir o conhecimento ao aluno.

Entre tantos processos existentes acerca dos livros didáticos, o mesmo, em seu processamento de escolha nas escolas, é submetido à compra pelo Governo para com as editoras. Haja vista, que há um grande gasto, perdura os trâmites para que Governo e editora pleiteie para defender os interesses próprios para a produção e distribuição, colocando ao máximo o material em consumo reduzido.



Quer dizer, a escolha PNLD 2017 postula uma triagem com aliados, isto é, onde toda escolha seja um exercício constituído pela comunidade escolar, em que, inclui todos os professores e representantes diretivos na seleção das obras didáticas.

É fundamental que a escola ao coordenar reuniões para análises e ponderações para aderir um livro didático e/ou uma coleção completa estipulada pelo Guia do livro didático, disponha a inteligibilidade e transparência para que o mecanismo pedagógico atenda as primordialidades específicas, culturais e sociais as quais estará posto nos próximos três anos no contexto escolar. Dessa forma, recordamos que os conhecimentos conexos a uma cultura próxima do professor precisam encontrar-se isentos no momento da escolha, quer dizer, é cabível uma visão detalhada ao contexto sociocultural do aluno, a quem de fato, é a principal justificativa para as burocráticas escolhas.

Por isso, elucidamos a importância do PNLD, assim como outros programas que buscam fazer as mudanças de maneira eficaz no cenário da educação brasileira. Sendo assim, presenciamos com os programas voltados para o ensino nos livros didáticos, cada vez mais, a proposta de abordagens teóricas e metodológicas inovadoras e com qualidade, que visam apresentar ao professor delineamentos e possibilidades diferenciadas do trabalho pedagógico.

Portanto, o exemplo a ser tomado é promover uma discussão exposta para que a seleção dos livros seja feita de formato democrático e baseado nos princípios desenvolvidos e definidos pelo Projeto Político Pedagógico (PPP), sendo como um indicador de caminhos para um ensino ponderável e de qualidade. Para a triagem dos livros aprovados na avaliação pedagógica, é considerável o conhecimento do Guia do Programa Nacional do Livro Didático (PNLD), quer dizer, que é tarefa de professores e de toda equipe pedagógica analisar para escolher com responsabilidade os livros a serem utilizados. O livro didático deve ser propício ao projeto político-pedagógico da escola, aluno, professor e a realidade sociocultural dos alunos, quer dizer, não podemos ser “submissos” a escolha do livro didático acordado e convencionado ao simples fato de



capas chamativas, o que buscamos é uma escolha segura para uma aprendizagem de consolidação.

4. A escolha do livro didático

Uma das principais diferenças entre os seres humanos e outros animais é a nossa capacidade de utilizar a linguagem, pois a linguagem assegura a identidade do ser humano.

Reconhecer a linguagem como uma atividade humana significa dar a ela a devida dimensão na nossa relação com o mundo. Dentre todas as linguagens, é a língua natural – aquela que falamos – que nos dá identidade, permite nomeação do mundo a nossa volta, participa da criação de categorias mentais ao quais nos relacionamos com a realidade em que estamos inseridos. (ABAURRE & PONTARA 2008, p. 56).

E, são os livros didáticos que nos transporta para outro mundo através dos seus diferentes gêneros discursivos, estruturas gramaticais, desenvolvendo-nos as habilidades de escrita e leitura. Uma das ferramentas mais importantes para aprendizagem em todos os graus de ensino na educação brasileira.

A escolha do livro didático se solidificou por apresentar diversificação dos conteúdos, tais como: estrutura, papel desafiante de estabelecer hipóteses, confrontar ideias, analisar e comparar pontos de vista, de desenvolver o ensinamento da linguagem considerado um aspecto artístico, estrutural e prático, algo que é parte integrante de nossas vidas, isto é, de revelar as diversidades e variações constitutivas da língua e também por ser um livro de edição de 2003 (antigo) comparando ao ano em que estamos vivendo e que comprova que há algum tempo em alguns materiais didáticos, já se preocupavam em demonstrar as variedades que ocorrem na língua.



5. A pesquisa descritiva

Para avaliar como os livros didáticos de língua portuguesa tratam da variação linguística, adotamos um trabalho descritivo, de cunho qualitativo, ou seja, que referencia suas características e qualidades. Segundo Barros e Lehfeld (1990, p. 34) “a pesquisa descritiva é definida como descrição do objeto por meio da observação e do levantamento de dados”. Sendo assim, os livros didáticos foram analisados por meio de suas atividades, visando análises, recapitulando e explorando cada parte do livro didático na perspectiva de relatar suas virtudes em relação à variação linguística, através deste, foram considerados os livros didáticos, como objeto deste estudo, o *corpus* desta pesquisa.

5.1 Livro didático, Português: Língua e cultura (2003)

O livro, Português: língua e cultura é elaborado pelo escritor FARACO, Carlos Alberto. O livro é organizado pela editora Base, 1ª edição, Curitiba, 2003, como volume único atendendo alunos do Ensino Médio. O livro nomeado: Português: língua e cultura, é subdividido em 35 capítulos. Numa análise preliminar, consideramos o mesmo como um importante instrumento para o aluno, fazendo com que o mesmo seja conhecedor da linguagem, considerada parte integrante e indispensável da vida do homem. Consideramos ainda, que se trata de um livro diferente que atribui ao aluno sentidos à literatura, gramática, exercícios e produções de texto. É um componente curricular da Língua portuguesa redigido para atender alunos do Ensino Médio (Volume Único).

O escritor enfatiza sobre a importância da linguagem no capítulo 8, no capítulo 9 para a origem da linguagem, capítulo 10 para a complexidade das línguas, capítulo 11 para a flexibilidade das línguas e enfim no capítulo 12 sobre a variação linguística. Quer

dizer, o livro oferece um conjunto de informações e reflexões sobre a importância das línguas constituídas por nós seres humanos.

É conveniente mencionar as atividades do escritor do livro didático e a função que exerce para ensinar a Língua Portuguesa. FARACO é professor de língua portuguesa no Ensino Médio e na Universidade Federal do Paraná. Especialista em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Mestre em Linguística pela UNICAMP. Doutor em Linguística pela Universidade de Salford. Ambas as descrições acerca do autor estão descritas no livro didático em análise com edição no ano de 2003. A seguir evidenciamos a capa do livro didático em análise.

Figura 2: Capa do livro didático:⁵



Fonte: Livro Didático Português: língua e cultura, 2003 – Carlos Alberto Faraco

6. A Variação Linguística e o livro em análise

Nesse tópico mostraremos a variação linguística presente no livro didático em análise, através dos recortes, apresentando a importância do conhecimento mais amplo sobre a natureza heterogênea da língua.

Calvet (2002), diz:

⁵ Capa do livro didático em análise - Português: língua e cultura, 2003 (Volume único) escrito por Carlos Alberto Faraco.



Web - Revista SOCIODIALETO

Núcleo de Pesquisa e Estudos Sociolinguísticos e Dialetológicos - NUPESD
Laboratório Sociolinguístico de Línguas Não-Indo-europeias e Multilinguismo - LALIMU

ISSN: 2178-1486 • Volume 9 • Número 27 • Maio 2019

Ano Internacional das Línguas Indígenas (ONU)

Há na superfície do globo entre 4.000 e 5.000 línguas diferentes. Torna-se evidente que o mundo é plurilíngua cada um de seus pontos e que as comunidades linguísticas se costeiam, se superpõem continuamente. [...] o plurilinguismo faz com que as línguas estejam constantemente em contato. (CALVET, 2002, p. 35).

O domínio da língua tem estreita relação com a possibilidade de plena participação social, pois é por meio dela que o homem se comunica, tem acesso à informação, expressa e defende pontos de vista, partilha e/ou constrói visões de mundo e produz conhecimento. Assim, um projeto educativo comprometido com a democratização social e cultural atribui à escola a função e a responsabilidade de garantir a todos os seus alunos o acesso aos saberes linguísticos necessários para o exercício da cidadania, direito inalienável de todos. (BRASIL, 1997, p. 23). E quando não temos esse ensino caracterizado nas escolas, ocorre a não aprendizagem sobre a língua, linguagem, variações, heterogeneidade e acaba por despertar o preconceito linguístico as inúmeras formas de comunicar que existe em nossa comunidade/sociedade.

Sobre o preconceito linguístico, Bagno (2007) afirma que:

[...] a grande maioria das pessoas acha muito mais confortável e tranquilizador pensar na língua como algo que já terminou de se construir, como uma ponte firme e sólida, por onde a gente pode andar sem medo de cair e de se afogar na correnteza vertiginosa que corre lá embaixo. Mas essa ponte não é feita de concreto, é feita de abstrato... O real estado da língua é o das águas de um rio, que nunca param de correr e de se agitar, que descem e sobem conforme o regime das chuvas, sujeitas a se precipitar por cachoeiras, a se estreitar entre montanhas e se alargar pelas planícies. (BAGNO, 2007, p. 36).

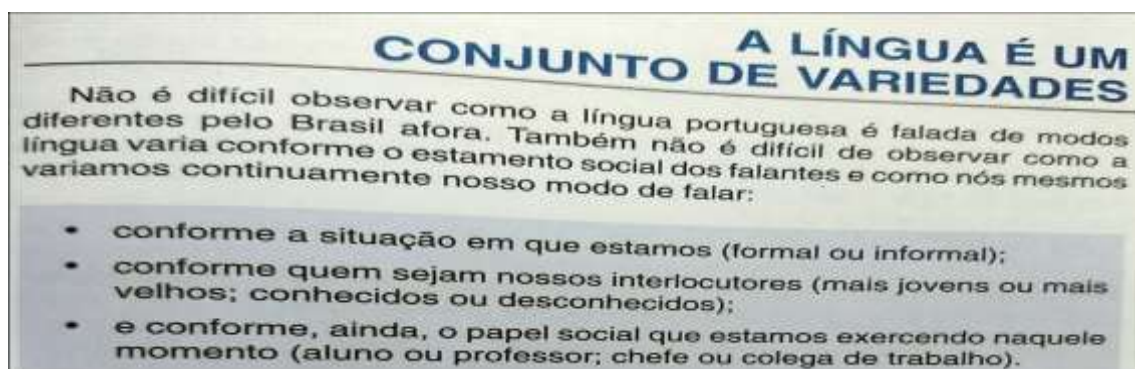
Para a Sociolinguística, linguagem e sociedade são conceitos que mantêm uma relação intrínseca, sendo impossível conceber uma sem a outra. Assim, podemos dizer que a história da linguagem é a história da sociedade, segundo Aristóteles (2006), “é através da linguagem que o homem se torna um animal político, social e cívico”.

Segundo Labov (1972/2008⁶, p. 215), “a língua é uma forma de comportamento social, pois comunica necessidades, ideais e emoções.” Uma nação apresenta diversos traços de identificação, e a língua é um deles e, esta pode variar em certos fatores, tais como o tempo, espaço e nível cultural. Alguns gramáticos e professores procuram o “ideal da homogeneidade”, pois, tentam impor a norma linguística idealizando e querendo que todas as pessoas falem uma única língua, do mesmo modo, sempre do mesmo jeito, o que se torna impossível já que em um país miscigenado como o Brasil, existe uma grande diversidade de português. A respeito das normas culta e literárias impostas pelos escritores e instituições oficiais, por exemplo, Bagno (2003, p. 16) argumenta que:

[...] se formos acreditar no mito da língua única, existem milhões de pessoas neste país que não têm acesso a essa língua, que é a norma literária, culta, empregada pelos escritores e jornalistas, pelas instituições oficiais, pelos órgãos do poder — são os sem-língua. (BAGNO, 2003, p. 16).

Um bom exemplo disso é o recorte a seguir, extraída do livro Português: língua e cultura, 2003:

Figura 3: A língua é um Conjunto de Variedades



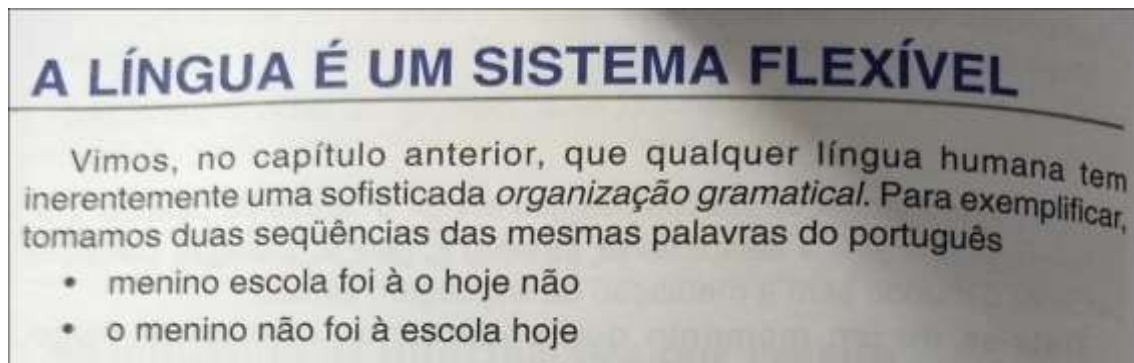
Fonte: Livro didático Português: língua e cultura, 2003.

⁶ A indicação de páginas se faz pela tradução brasileira de 2008, Bagno, Scherre e Cardoso.

O que o autor quer dizer, é que não existe uma única língua, idêntica, perfeitamente igual, deste modo homogênea, como tentam empregar, mas, uma língua heterogênea que apresenta um multilinguismo, qualidades e modos diferentes, ou seja, uma grande diversidade linguística. E o principal objeto de ensino de que a língua é repleta de variações é o livro didático, através dele que desde muito cedo as crianças aprendem que não temos uma única língua, e que ela muda/varia em determinadas situações de uso, ou melhor, que elas mudam dependendo de nossa necessidade comunicativa a qual estamos inseridos. Por esse motivo, precisamos estar cientes da necessidade de adequações possíveis da variedade usada e da situação de comunicação da qual participamos.

A seguir destacamos outro recorte, que exemplifica a flexibilidade das línguas que transcorre em nossa sociedade:

Figura 4: A língua é um sistema Flexível.



Fonte: Livro didático Português: língua e cultura, 2003.

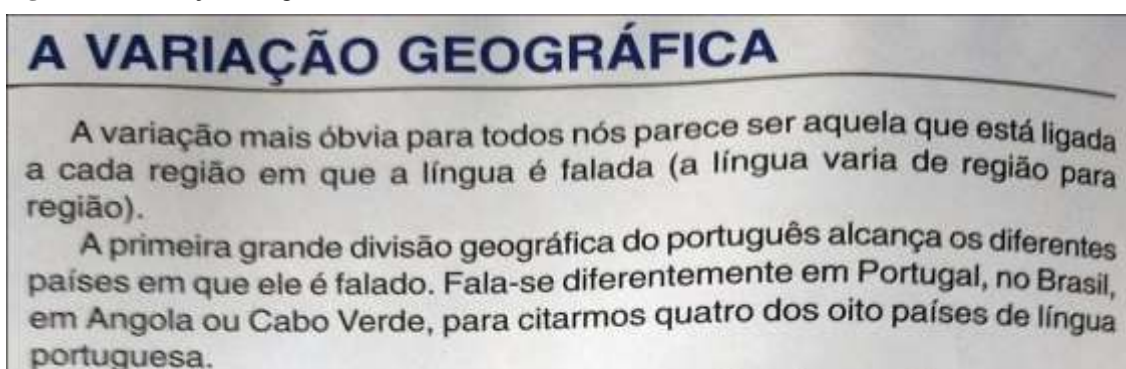
Observamos através do recorte que a primeira frase não constitui um enunciado da nossa língua e a segunda sim. A diferença é dada justamente pelos princípios que regem a construção de enunciados em português. Esses princípios engendram enunciados como o segundo, mas jamais como o primeiro. Por isso afirmamos que a segunda seqüência é um enunciado gramatical em português e a segunda não. Essa organização se



dá, pois, está registrada no cérebro dos falantes e dá a eles a capacidade de produzir e entender um conjunto infinito de enunciados na sua língua.

Depois de comentar sobre o conjunto de variedades, o livro em análise aborda dois exemplos que veremos abaixo:

Figura 5: A variação Geográfica

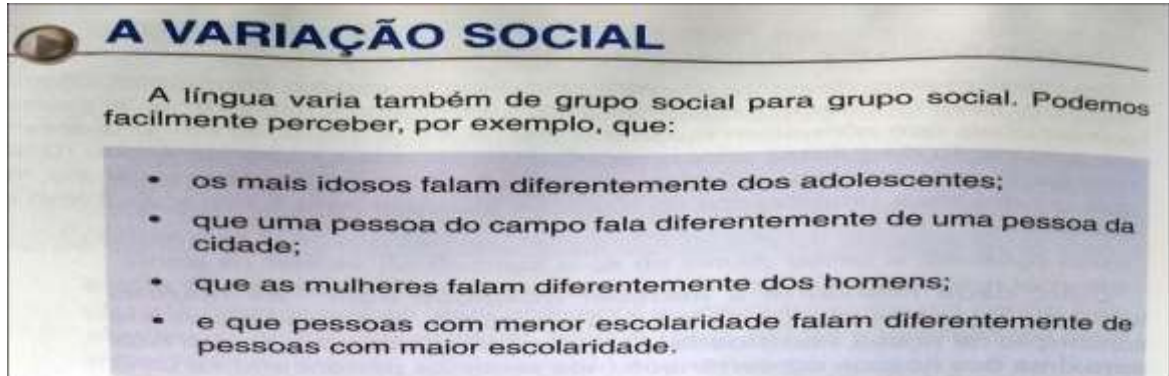


Fonte: Livro didático Português: língua e cultura, 2003.

Na figura 5, observamos que o livro em análise comenta sobre a divisão geográfica entre os países que falam o Português e depois descreve as regiões do Brasil. Está descrito que as marcas regionais participam ativamente dos processos de construção de nossa identidade e ao mesmo tempo nos diferencia de outras pessoas que habitam outras regiões. No entanto, a nossa variedade linguística regional é uma de nossas marcas registradas e tende a permanecer conosco mesmo quando mudamos de região.

Outro exemplo é o recorte da variação social:

Figura 6: Variação Social



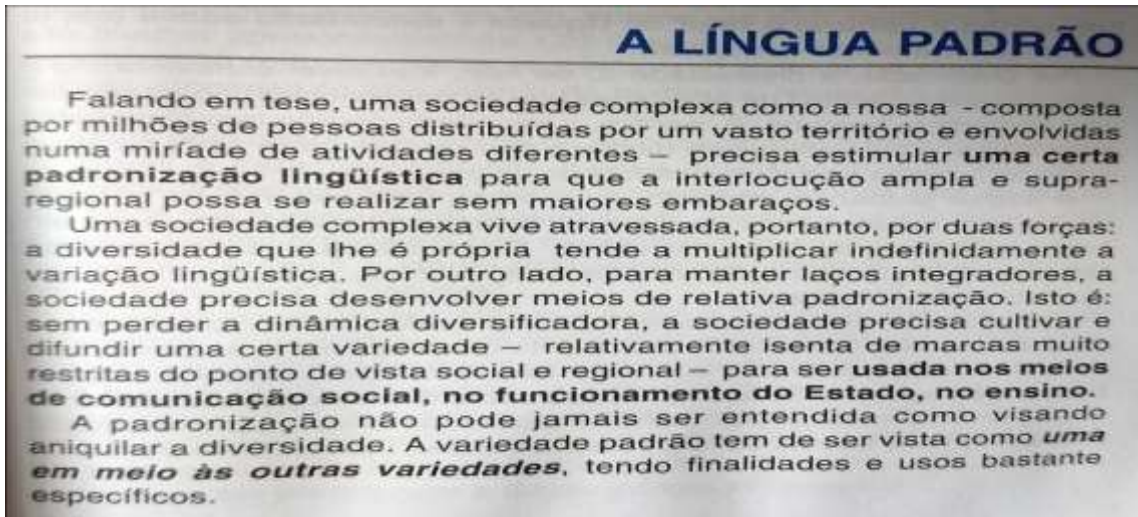
Fonte: Livro didático Português: língua e cultura, 2003.

Aborda-se também no livro didático fatores como gênero, idade, estamento socioeconômico, à medida que condicionam diferentes experiências sociais e culturais. É importante destacar que as diferentes variedades sociais se equivalem do ponto de vista de qualidade linguística porque todas são igualmente organizadas e são funcionalmente adequadas para os grupos que a usam.

Também é evidenciado a importância da língua padrão, e implicam “o ideal de uma variedade padrão é em princípio positivo pela sua utilidade social e cultural”, como vemos no recorte abaixo:



Figura 7: A língua Padrão



Fonte: Livro didático Português: língua e cultura, 2003.

Afirmamos esse ideal, contudo, não pode se transformar num instrumento de autoritarismo e discriminação social.

No livro didático é fácil perceber como é importante o ensino de língua, linguagem, variação linguística e preconceito linguístico. Mencionamos assim, que a padronização não pode ser pensada como o objetivo de eliminar a diversidade, de empobrecer as diferenças, de homogeneizar a língua e a cultura, isto é, porque a diversidade linguística e cultural é fator de riqueza e dinamismo social, isto é, a diversidade é inevitável considerando o conjunto quase infinito de atividades que se desenvolvem no interior de uma sociedade humana. E a língua padrão é, portanto, uma construção cultural, e afirmamos que a língua padrão tem funcionado não como um fator de integração social, mas de discriminação e exclusão.

7. Algumas reflexões em relação a escolha dos materiais didáticos

Primeiramente afirmamos que para discutir e ensinar a variação na língua em sala de aula exige uma formação de qualidade por todos os profissionais da educação, pois, cabe a eles conceituar as oscilações na língua. Compreendemos também que apenas uma



parcela de professores tem o conhecimento referente a heterogeneidade da língua, e essa minoria abrange aos professores de Letras. Não seria possível uma aprendizagem mais generalizada nas Universidades? Queremos chegar ao ponto de que não apenas professores da área de linguagens conheçam a variação da língua. É importante que todos os professores saibam, para que a responsabilidade de acabar com o preconceito linguístico no âmbito escolar.

É preciso que as escolas se organizem para uma escolha mais coletiva, discutindo procedimentos de análises, examinando exemplares de livros didáticos, considerando a respeito do perfil dos alunos, do Projeto Político Pedagógico da escola e, sobretudo, planejando o trabalho continuamente.

Através desta análise, mostramos a importância que tem o professor na escolha dos livros didáticos, isto é, fazer uma escolha correta é se atentar as resenhas descritas nos livros didáticos, olhando aspectos importantes ao contexto que os alunos estão inseridos. Nesse contexto devemos inferir que as capas são apenas para nomear o livro e proteger seu miolo, e que o principal a ser definido são os conteúdos.

Como é conceituado no Programa Nacional do Livro Didático:

É tarefa de professores e equipe pedagógica analisar as resenhas contidas no guia para escolher adequadamente os livros a serem utilizados no triênio. O livro didático deve ser adequado ao projeto político-pedagógico da escola; ao aluno e professor; e à realidade sociocultural das instituições. Os professores podem selecionar os livros a serem utilizados em sala de aula somente pela internet, no portal do Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação (FNDE)

Portanto, não podemos ficar apenas elegendando o que é certo e/ou errado, melhor seria conceituar que há vários outros meios de se exprimir qualquer assunto, e que devemos amoldar a nossa linguagem a determinadas situações, dependendo do contexto. Dessa forma, refletimos que, a norma culta/padrão deve conduzir o ensino de língua portuguesa, não precisamente que ela, mas sim, abordada junto a um método que não



necessite a exclusão de outras formas linguísticas que está difundida em todas as regiões de nosso País com seus modos tão particulares de se comunicar.

O que se pretende mostrar, não que a norma-padrão não seja importante, longe disso, ela é importante e significativa no ensino de língua, mas esta não pode vir acompanhada de certo preconceito linguístico.

Considerações Finais

Educar-se através da Sociolinguística, com fins didáticos, é entranhar em uma “fração” da Linguística que procura analisar o encadeamento entre os fenômenos linguísticos e sociais que contribua para o ensino da língua (gem), expondo as inúmeras variantes que podem haver em uma sociedade Linguística, sem que essas variedades fiquem conceituadas como bonitas ou feias e melhores ou piores.

Concluimos que o livro didático em análise aborda de forma significativa as questões de língua, linguagem, variação linguística e preconceito linguístico, mesmo se tratando de um livro mais antigo, constituído no ano de 2003. Ou seja, percebemos nos recortes didáticos que o livro que dita sobre a heterogeneidade da língua contribuem para o aperfeiçoamento da linguagem e acreditamos que só através da difusão do ensino das variações linguísticas as pessoas terão a competência de decidir o modo de fala, trilhando o caminho para transitar em diferentes comunidades linguísticas.

BIBLIOGRAFIA

ABAURRE, M. L. M.; PONTARA, M. **Gramática**: texto: análise e construção de sentido. São Paulo: Moderna, 2008.

ALKMIM, Tânia Maria. Sociolinguística – parte I. In: MUSSALIM, F; BENTES, A C. (orgs.) **Introdução à linguística**: domínios e fronteiras. v. 1. São Paulo: Cortez, 2001, p. 21-47.



BARROS, Adil de J. P. de; LEHFELD, Neide A. de S. **Projeto de pesquisa: propostas metodológicas**. 14 ed. Petrópolis: Vozes, 1990.

BAGNO, Marcos. **A norma oculta: língua e poder na sociedade brasileira**. São Paulo: Parábola. Editorial, 2003.

_____. **Nada na língua é por acaso: por uma pedagogia da variação linguística**. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

BORTOLOZZO, Rodrigues de Souza. **A produção do conhecimento no livro didático de língua portuguesa: uma reflexão sobre as variações linguísticas**. Dissertação de Mestrado – Cáceres/MT, 2018.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros Curriculares Nacionais: pluralidade Cultural, orientação sexual / Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1997.

BRASIL. Ministério da Educação. Governo Federal. Base Nacional Curricular Comum – Ensino Médio, 2018. Disponível no site: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/wp-content/uploads/2018/02/bncc-20dez-site.pdf>

CALVET, Louis-Jean. **Sociolinguística: uma introdução crítica**. – São Paulo: Parábola, 2002.

CARNEIRO, J. A. Nunes. **Não Julgue o Livro pela Capa**. Edição electrónica: Maio de 2012.

CARVALHO, Ana Isabel Silva. **A capa de livro: o objeto, o contexto, o processo**. (Dissertação) – Universidade do Porto, Faculdade de Belas Artes. Porto, 2008.

CHOPPIN, Alain. **História dos livros e das edições didáticas: sobre o estado da arte**. Educação e pesquisa – São Paulo, 20014 p. 549-566.

DANTE, Luiz Roberto. **Livro didático de Matemática: uso ou abuso?** In: Em aberto. Brasília, v. 26, n.69, p. 52-58, jan/mar. 1996

FARACO, Carlos A. **Norma culta brasileira: desatando alguns nós**. São Paulo: Parábola, 2008.

FARACO, Carlos Alberto. **Português: língua e cultura** – Curitiba: Base Editora, 2003.

FRANÇA, Simone dos Santos. BARROS, Adriana Lúcia de Escobar Chaves. A abordagem da variação linguística no livro didático “Português de olho no mundo do trabalho”. – Campo Grande: **Web- revista SOCIODIALETO**, vol.2, N. 2, 2012.

LABOV, William (1972). **Sociolinguistic Patterns**. Philadelphia: University of Pennsylvania Press. [Padrões Sociolinguísticos]. Trad. Marcos Bagno; Marta Scherre e Caroline Cardoso. São Paulo: Parábola, 2008

SEHN, Thaís Cristina Martino. **A capa do livro como instrumento de escolha para o mundo da leitura** (Dissertação). Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Pelotas, 2012.



Web - Revista SOCIODIALETO

Núcleo de Pesquisa e Estudos Sociolinguísticos e Dialetológicos - NUPESD
Laboratório Sociolinguístico de Línguas Não-Indo-europeias e Multilinguismo - LALIMU

ISSN: 2178-1486 • Volume 9 • Número 27 • Maio 2019

Ano Internacional das Línguas Indígenas (ONU)

SOARES, Magda. **Novas práticas de leitura e escrita:** letramento na Cibercultura. Educação e Sociedade: dez. 2002, v. 23. n. 81, p. 141-160

Recebido Para Publicação em 30 de maio de 2019.
Aprovado Para Publicação em 28 de julho de 2019.